

NAS TRILHAS DE GILBERTO DE ALENCAR[✓]

235

Moema Rodrigues Brandão MENDES¹
Gina Mara Ribeiro QUINTÃO²

[✓] Artigo recebido em 30 de março de 2017 e aprovado em 04 de maio de 2017.

¹ Doutora em Letras (UFF), Coordenadora do PPG/Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), membro do Conselho Editorial do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM). E-mail: <moemamendes@pucminas.cesjf.br>

² Mestranda em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Área de concentração Literatura Brasileira, Linha de pesquisa, Literatura de Minas: o regional e o universal. E-mail: <maraquintao@yahoo.com.br>

NAS TRILHAS DE GILBERTO DE
ALENCARIN THE TRACKS OF GILBERTO DE
ALENCAR

RESUMO

Este artigo visa a investigar o lugar ocupado pelo escritor Gilberto de Alencar, (1886-1961) enquanto intelectual atuante e, para isso, trilhou um breve percurso literário deste mineiro que iniciou seu exercício de escrita aos 14 anos de idade no Semanário lafaietense, denominado Autônomo. Antes de assinar sua primeira publicação em jornal de larga circulação, já produzia, clandestinamente, textos com teor provocativo que foram publicados em periódicos de pequena tiragem. Sob esta perspectiva o escritor mineiro deu voz aos que estavam silenciados, submetidos a situações de trabalho exaustivas, degradantes e perigosas exercendo uma postura crítica, enquanto jornalista durante as greves operárias juizforanas de 1912, defendendo os trabalhadores, contribuindo, assim, para o desenvolvimento de uma consciência de classe entre essa categoria. Alencar, ao longo de sua carreira, posicionou-se como um homem engajado, manifestando-se em meio a contextos de guerras e ditaduras registradas em seus diários. A produção alencariana revela por meio da crítica à sociedade burguesa, uma tentativa de espelhar o mundo, instigando no leitor uma reflexão autocrítica.

Palavras-chave: Gilberto de Alencar. Arquivo. Memória. Literatura. Realismo.

ABSTRACT

This article aims to investigate the place occupied by the writer Gilberto de Alencar, (1886-1961) as an acting intellectual, and for this, it followed a brief literary course of this "mineiro" who began his writing exercise at the age of 14 in the "Semanario lafaietense", called "Autônomo". Before signing his first publication in a widely circulated newspaper, he was already clandestinely producing provocative texts that were published in periodicals of small circulation. In this perspective, the "mineiro" writer gave voice to those who were silenced, subjected to exhaustive, degrading and dangerous work situations, exercising a critical position as a journalist by defending the workers, in his city of Juiz de Fora, during the 1912 labor strikes, thus contributing to the development of a class consciousness among this category. Alencar, throughout his career, positioned himself as an politically engaged man, manifesting amid the contexts of wars and dictatorships recorded in his diaries. Alencarian production reveals, through criticism of bourgeois society, an attempt to mirror the world, instigating in the reader a self-critical reflection.

Keywords: Gilberto de Alencar. File. Memory. Literature. Realism.

1 INTRODUÇÃO

[...] o escritor não faz concessões de qualquer espécie, não corteja a popularidade e não tenta seguir os novos figurinos, mas adota a expressão mais despojada e mais autêntica para as suas intuições criadoras³.

Gilberto Napoleão Augusto de Alencar nasceu no arraial de João Gomes, atual Santos Dumont, em Minas Gerais, em dezembro de 1886 e faleceu em Juiz de Fora, em fevereiro de 1961. Foi jornalista, literato, tradutor, funcionário público e membro da Academia Mineira de Letras (MACIEL, 2011; NÓBREGA, 1982; POSSE DO ACADEMICO, 1911).

Iniciou o ofício de jornalista desde muito jovem, por volta dos 14 anos de idade, trabalhando nas oficinas tipográficas do semanário lafaietense, denominado **Autônomo**, quando o município ainda era conhecido como Queluz de Minas (POSSE DO ACADEMICO, 1911). Antes de assinar sua primeira publicação em periódicos de larga circulação, já produzia, clandestinamente, textos com teor provocativo os quais divulgava em jornais de pequena tiragem, como ele mesmo afirma:

Fui mesmo, aí por 1902, proprietário e único redator de certo jornal manuscrito, que aparecia semanalmente, tirando oito ou dez exemplares, que eram por mim cuidadosamente enfiados, na madrugada dos sábados, por debaixo da porta dos principais habitantes do povoado do interior de Minas, onde então morava com meus pais. Apesar de tiragem tão limitada, a folha barulhenta e irreverente punha em polvorosa o arraial inteiro e tive, ao fim de alguns numeros, de suspender-lhe subitamente a publicação, para a garantia da própria pele ameaçada... (ALENCAR, 1955. Não paginado).

Deixando Queluz de Minas, em 1905, inicia atividade profissional no jornal **A Democracia**⁴, pertencente a Ferreira Carvalho e Olímpio de Castro, passando a registrar sua assinatura nos artigos por ele publicados. Em entrevista à **Gazeta de Paraopeba**, em 1955, por ocasião dos cinquenta anos de atuação jornalística, Alencar explica:

³ GILBERTO DE ALENCAR. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano XLIV, n.12.668, 06 fev.1955, p.1

⁴ Periódico do município de Oliveira, Minas Gerais. De propriedade do Coronel Theodoro Ribeiro de Oliveira e Silva, contou com colaboração de Ferreira de Carvalho e tinha em Acrísio Diniz seu redator-secretário. Um exemplar foi localizado na hemeroteca virtual da Biblioteca Nacional, com data de junho de 1896, sendo o ano III de sua edição (ALENCAR, 1908, p. 29; A DEMOCRACIA, 1896, p.1).

Se tômo como ponto de partida o ano de 1905 deve-se isto à circunstancia de ter sido em janeiro desse ano que surgiu o meu primeiro artigo assinado, em jornal de projeção indiscutível de nossa provincia. Esse jornal “A Democracia”, da cidade de Oliveira, era dirigido pelo prestigioso jornalista Ferreira de Carvalho. Havia morrido na miseria, num suburbio do Rio, o imenso negro José Carlos do Patrocinio e eu me atrevi a escrever duas ou três laudas apologéticas sobre a vida e a obra do tigre da Abolição, mandando-as á referida folha. Mandei e fiquei à espera. Cheio de angustia. Seria publicada a obra prima? Não seria publicada? Foi publicada, sim, e em lugar de destaque, na primeira pagina, com a minha assinatura por baixo. Nunca mais haveria de ter, ao longo da existencia, a satisfação enorme que tive no dia memoravel em que recebi o não menos memoravel numero de “A Democracia”, o qual andei, durante varias semanas, mostrando orgulhoso a toda a gente, conhecida e desconhecida (ALENCAR, 1955. Não paginado).

Luís Eduardo de Oliveira, em **Os Trabalhadores e a Cidade** (2010) fala sobre o papel exercido pelo jornalista durante as greves operárias juizforanas no ano de 1912, destacando sua postura em defesa dos trabalhadores, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência de classe entre essa categoria, culminando na “movimentação do proletariado” (OLIVEIRA, 2010, p. 396) a partir daquele ano até 1914.

Segundo este autor, Gilberto de Alencar foi “fortemente provocador e edificante” (OLIVEIRA, 2010, p. 396) para a luta dos trabalhadores. Deu voz aos que estavam silenciados, submetidos a situações de trabalho exaustivas, degradantes e perigosas. Denunciou o lado negativo da industrialização no município. Engajamento reiterado por Alencar ao longo de sua carreira, ainda que em meio a contextos de guerras, ditaduras ou grandes transformações.

E é sem duvida por um Brasil brasileiro, por um Brasil não sofisticado, por um Brasil como o plasmaram as gerações que por ele sofreram e trabalharam no passado, é por um Brasil assim que nos cumpre lutar a todo o transe, seguros do seu presente, confiantes no seu futuro (ALENCAR, 1955. Não paginado).

Esta visão crítica, típica do intelectual engajado, é competente e hábil no processo de reconstrução o passado e construção de futuro, positivamente, realizável. Segundo Wolf (2006),

(...) intelectual é aquele que engaja sua competência particular para dar-lhe um sentido universal (...) é aquele que produz ideias com fatos. Nesse

sentido, o intelectual é sempre crítico: ele denuncia as injustiças para as quais fecham-se os olhos, ele pretende dar uma voz (a dele) aos “sem voz”, ele afirma em alto e bom tom que o rei está nu (WOLF, 2006, p.28).

Assim se comportou Gilberto de Alencar...

Sobre esta mesma reflexão e sob um ponto de vista semelhante, mas que não configura, necessariamente como igual, Walty e Cury (2008) afirmam que o intelectual é aquele que observa a sociedade, e, permite-se, a partir desta observação, construir uma leitura de mundo, ajuizando posturas político-sociais e assumindo posições contra algo ou a favor de. O intelectual é aquele que lê! Lê o mundo, lê a si mesmo e lê sobre o estar neste contexto. E media todas estas questões.

239

[...] *intellectualis*, de que a palavra intelectual deriva, [é] “relativo à inteligência”. Decompondo-se a palavra temos: [...] *lectus*, participio passado de *legere* (ler). Ler (para) dentro das coisas, para seu interior. [...] Ler, pois, pressupõe um movimento para o exterior, para comunicar-se com os outros, fazendo uma leitura do mundo, o que dota a palavra intelectual dos dois movimentos: para dentro de si e para fora de si. Alargando o sentido [...] salienta-se a condição intermediária do intelectual, sua função mediadora (WALTY, CURY, 2008, p. 12-13).

A partir destas concisas informações, importa pensar sobre o lugar importante que Gilberto de Alencar ocupou, enquanto um intelectual interventor nas Minas-Juizforanas-Brasileiras de seu tempo.

Assumiu uma postura de combate e vivenciou uma preocupação com novos modos de pensar o país e o mundo, procedimentos que se refletiram não apenas em sua produção jornalística, mas determinaram uma característica singular! Forte!, projetada em suas obras literárias e em seus diários.

Conforme Maurice Blanchot (apud NOVAES, 2006) o intelectual é um homem das letras, um homem que participa socialmente das questões humanas por meio da escrita, registrando sua posição frente ao mundo como escritor, artista, político, historiador, filósofo e sábio. Ressalta ainda que:

(...) o intelectual é ‘uma parte de nós mesmos que não apenas nos desvia momentaneamente de nossa tarefa, mas que nos conduz ao que se faz no mundo para julgar e apreciar o que se faz’. Não existe, portanto, essa figura do intelectual em tempo integral (...). o ser deve desdobrar-se, acumular momentaneamente nele mesmo outras funções, deixar de lado os saberes

particulares para se dedicar ao trabalho da crítica e à luta pelos ideais universalizantes: Razão, Justiça, Liberdade e Fraternidade (BLANCHOT, apud. NOVAES, 2006, p.5).

Produções alencarianas como **Prosa Rude** (1926), **Misael e Maria Rita** (1953), **O Escriba Julião de Azambuja** (1962) e, também, apesar de não ficcional, os volumes de **No Reinado de Lourival** (1941) – título dado por Gilberto de Alencar aos seus diários – sugerem um escritor não alheio ao seu tempo, demonstrando posicionamento político obstinado e senso crítico aguçado.

240

E Gilberto, para dizer hoje o que se entende ser a verdade, não pensa nas consequências de amanhã; e, assim, é lido, é estimado e é aplaudido. A sua penna, no meio desse cantochão soturno de applausos incondicionaes a todo aquelle que governa ou que pode vir ainda a governar: é a mão cheia de sal na onda pesada e molle desse mar de melado engrossativo que nos vae assoberbando.

E essa contribuição de sal, dia a dia, abre um sulco profundo no dorso das águas assucaradas...

E que soma de trabalho hercúleo exercido infatigavelmente na mais difícil, na mais penosa e na mais rebelde de todas as artes! (BRAGA, 1911, p.2).

As narrativas acima citadas revelam um Alencar intelectual, crítico em relação a princípios fixados e preocupado com as novas condutas, situando-se contra os valores ditados pelo sistema.

Em suas obras, a exclusão é identificada por diversas ações: denúncia, crítica ao poder instituído, crítica às politiquices, às corruptices, ao desrespeito pelo trabalhador, posições bastante bem delimitadas que certamente fizeram Gilberto de Alencar um homem a frente de seu tempo.

2 A ESCRITA ALENCARIANA E O REALISMO

A produção alencariana permite supor a presença de elementos comuns ao realismo brasileiro, exemplificados por meio da crítica à sociedade burguesa, revelando a tentativa de espelhar o mundo em sua obra, instigando no leitor uma reflexão autocrítica. Igualmente, a valorização da justiça e a exposição do que há de

bom e mau no homem, denuncia a ambição desmedida e a ganância cega, declarando a anatomia do caráter de toda uma sociedade.

Estas considerações podem ser observadas na leitura dos seguintes fragmentos, nos quais estão presentes a crítica à sociedade vigente, o contraste entre os indivíduos simples e a sociedade burguesa, a valorização do bom comportamento moral e ético, ao mesmo tempo em que desnuda o caráter do homem. Tudo isso confirma a postura engajada do intelectual, ressignificando o alerta à sociedade quanto a questões preconceituosas e degradantes.

Não conseguia o mulato, na sua rude simplicidade, compreender aquelle drama silencioso e cruel, criado pelo egoísmo e pela avareza, do qual elle era a unica testemunha de vista.

Nunca se insurgindo contra o proprio sofrimento, não tendo mesmo consciência delle, o de Maria Rita revoltava-o, comquanto não fôsse talvez nem mais duro, nem mais injusto do que o seu.

– Essa velha é uma desgraçada... (ALENCAR, 1953, p.220-221).

– Julião, Julião... Por que teimas em moralizar? Vai cuidar da tua horta, que os quiabos já começaram a brotar. Mais vale um prato de quiabo com angu, à moda aqui da província, do que o destino dos burgueses opulentos. Vai cuidar da tua horta... (ALENCAR, 1962, p.101).

O fragmento de **Misael e Maria Rita** (1953) retratou o egoísmo e a avareza da sociedade que maltratava Misael que, em sua rude simplicidade, era incapaz de ver a situação na qual estava imerso, que é tão ruim quanto a de Maria Rita, com quem ele se solidariza. Há, nestes elementos, a caracterização dada por Bosi (2006), ao afirmar que o “realismo se tingirá de naturalismo, no romance ou no conto, sempre que fizer personagens e enredos submeterem-se ao destino cego das ‘lei naturais’ ” (BOSI, 2006, p.168).

A partir da citação de **O escriba Julião de Azambuja**, Alencar endossa a crítica à burguesia da cidade fictícia de Várzea de Dentro, expondo as fraquezas desse grupo social, desnudando “as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima” (BOSI, 2006, p.168). Alencar escreveu com maestria, retratando as “almas simples e não complicadas” (ALENCAR, 1926, p.155), e também a ingenuidade, a passividade, a ganância e a luxúria do homem. Gilbertianamente empreendeu verdadeiras denúncias contra os vícios da sociedade.

Fundamentado por sua admiração ao naturalismo, confrontou idéias e teorias por meio de artigos veiculados n' **O Pharol**, de membros do movimento futurista, responsáveis por iniciar o movimento modernista em Juiz de Fora, em meados de 1922. Em sua réplica⁵ ao artigo escrito por Antônio Gabriel de Barros Vale⁶ – conhecido pelo pseudônimo de Edmundo Lys – reforça as características acima mencionadas:

Ora, eu, que affirmara ser o naturalismo a formula literaria ainda triumphante; que dissera estarem os *novos* do Brazil procurando em vão derrubar a obra dos seus maiores; que expendera a opinião de que a maioria desses *novos* não tinha grande valor e descambara para o penumbrismo ridiculo, exceptuando-se alguns de real merecimento...; eu daria uma resposta...se elle tivera combatido as minhas idéas com elevação (ALENCAR, 1922a, p.1).

O confronto com Edmundo Lys estendeu-se aos demais membros dos “*novos*” (ALENCAR, 1922a, p.1), denominados desta forma por pelo escritor mineiro. Na sequência de críticas publicadas acerca do movimento literário no Brasil, novo artigo é produzido, respondendo a Orlando Lage Filho⁷ e Rui Duarte de Almeida Novais⁸, Alencar respondeu à análise destes escritores sobre seu livro de crônicas, **Prosa Rude**, reforçando sua divergência:

Sahiu a resposta quarta-feira pela manhã.
Pensam os leitores que se trata de alguma coisa esplendente, alguma coisa nova, inedita, bizarra, digna dos ardegos revolucionarios que a compuzeram? Qual historia! São apenas três columnas e pico de baboseiras, onde toda a *panellinha*, apontando-me como um romantico meloso (eu, que todo me babo pelo naturalismo!), empregou esforços medonhos – sabem para quê? – para imitar o estylo do Eça. O estylo do Eça! Elles ainda caminham por essas alturas, elles, os *novos* os *novissimos*... (ALENCAR, 1922b, p. 1).

⁵ ALENCAR, G. Os "novos" e o momento literario. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano LVII, n.102, 05.set.1922a, p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/39212>> Acesso em: 16 set. 2016

⁶ Antônio Gabriel de Barros Vale nasceu em São Mateus, povoado de Juiz de Fora, em 1899, foi escritor, advogado, jornalista e professor, tendo atuado como poeta, cronista, teatrólogo e tradutor, destacando-se no meio literário de Juiz de Fora como membro dos "mosqueteiros de cinco" (NÓBREGA, 2001, p.18), que abriram espaço para o movimento modernista na cidade.

⁷ Orlando Lage Filho, natural de Juiz de Fora, foi redator do **Diário Mercantil**, do **Correio de Minas**, da **Folha da Manhã** e de outras publicações locais (NÓBREGA, 2001).

⁸Rui Duarte de Almeida Novais foi jornalista e bancário. Escrevia sob o pseudônimo Mário Ruiz (NÓBREGA, 2001).

Este debate registrou o posicionamento público do autor em defesa do naturalismo em relação ao modernismo. Supõe-se, portanto, que o realismo tenha exercido influência sobre o processo criativo do literato, ilustrado na defesa de uma escrita direta, caracterizada na representação de fatos históricos os quais vivenciou. Suposição realçada pelas declarações de preferências literárias do escritor, em 1955:

Em matéria de literatura vamos começar com os franceses... Balzac, Flaubert, Maupassant, Anatole – considero Anatole o Machado de Assis francês –; dos ingleses, Dickens; dos patricios: Machado e José de Alencar, Castro Alves, Fagundes Varela e Bilac, Manoel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade – êste mais como prosador do que como poeta -, Eduardo Frieiro, Mario Mattos e Oscar Mendes. Está muito misturado, prosa e verso (O ULTIMO REPRESENTANTE, 1955, p. 6).

Dessa influência, pode-se verificar outro elemento bastante distintivo da produção alencariana, presente na escrita, assinalada por um senso de humor característico, com toques de ironia singular e sarcasmo. Rachel de Queiroz, ao se referir à literatura regional e aos escritores de Minas Gerais, afirmou:

Mas não são Machadianos nem Gracilianescos; há em quase todos esses mineiros, em dose maior ou menor, um sentido do lírico particularmente profundo e constante, que os dois mestres não conheciam. Nem o estilo da ironia é a mesma; que os mineiros, quando são irônicos, o são ao seu modo particular – uma espécie de ironia por omissão sem espinhos pungentes e sem sinal visível do fel (QUEIROZ, 1955, p. 1).

A prática de expor opiniões acerca de conflitos e temas importantes em suas obras – a exemplo da Revolução Liberal de 1842, abordada no livro **Prosa Rude** (1926); do conflito ítalo-etíope, tema de **Itália Intrépida** (1935); do suicídio de Vargas em 1954, citado em **O escriba Julião de Azambuja** (1962) –, desvenda o argumentador, observado também nos diários, produzido em 1941 por Alencar.

25 de junho.

Sem liberdade de pensamento, sem poder escrever, sem poder falar, o Brasil, longe de manifestar o seu desprezo pelo glorioso Exército nacional, autor exclusivo da escravização em que vive, ainda sae do passeio para a calçada a fim de dar caminho aos coroneis ventrudos e aos generaes analphabetos que encontra pelas ruas.

Ser escravo não é nada.

Amar a escravidão é que é desesperador.

Como está demorando a Victoria ingleza! (ALENCAR, 1941a, p.25-6).

A partir da escrita de suas memórias, suas posições e convicções se manifestam, notabilizando o pensador – literato e jornalista. As reflexões que acompanham sua produção literária permitem a releitura dos contextos em que esteve inserido – a exemplo de **No reinado de Lourival**, cuja circunstância origina-se na década de 1930, com o golpe de Estado empreendido por Getúlio Vargas, e se esgota com o fim do Estado Novo varguista, em 1945.

O Brasil dos anos 1930 passou por profundas transformações que interferiram na sua organização política, econômica e social, sinalizando o fim da Primeira República (BONAVIDES, e AMARAL, 2002; VELLOSO, 2013). A partir desta data, órgãos e ministérios foram criados ou modificados para atender a reorganização, intensificada pela imposição do chamado Estado Novo – período ditatorial varguista que iniciou-se em 1937 e se estendeu até 1945, com a deposição de Vargas.

Em **Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo** (2013), Mônica Velloso afirma que o Estado brasileiro buscou inserir a intelectualidade no cenário político, com o intuito de estes servirem à organização política e ideológica do regime. A partir da década de 1930, os intelectuais passaram a ser vistos pelo Estado por meio de uma função ativa, de atuação social na qual atuariam como representantes da consciência nacional, variando apenas seu espaço de atuação, se afastados ou inseridos na atividade política.

De acordo com Lúcia Lippi Oliveira (2013), da criação do Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), em 1934, surgiu o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em 1939. Dirigido por Lourival Fontes, era voltado às manifestações populares. Utilizado como mecanismo orientador e centralizador de propaganda realizou censura ao teatro, cinema, imprensa e literatura e coordenou o programa de radiodifusão oficial (VELLOSO, 2013; OLIVEIRA, 2013).

Conforme Velloso (2013), aliando pensar e agir, Getúlio conciliou a doutrinação à atuação política, apropriando-se da produção intelectual desses pensadores, essenciais ao desenvolvimento e manutenção do regime. O intelectual captaria os anseios e necessidades as quais o Estado materializaria.

Para estruturar sua política de governo, Getúlio Vargas serviu-se de todos os artifícios disponíveis para evocar os mais diferentes intelectuais com as mais

diferentes análises e, além destes, explorou hábitos e valores comuns, de modo a atrair os populares. A partir da inserção daquele grupo, suas produções e seus objetivos, novas formas de pensar o Estado, reconceituações e a consolidação de um projeto cultural forte e doutrinário foram explorados. Esse projeto, observado em certos países naquele período – a citar Brasil, Portugal, Espanha, Itália, resguardadas as particularidades – não passaram despercebidos por Gilberto de Alencar, que o expunha na escrita de suas memórias.

245

8 de outubro.

Quando é que o português Antonio Ferro regressará á patria?
Temos [infelizmente] a obrigação de tolerar Lourival Fontes, que aqui nasceu ninguém sabe onde e subiu ninguém sabe como bem porque.
Mas tolerar, ainda por cima, Antonio Ferro, com a sua grande cara de luz cheia e com as suas adulações ao eminente Oliveira Salazar, é positivamente demais.
Antonio Ferro precisa fazer as malas e ir doutrinar noutra freguesia (ALENCAR, 1941c, p. 72-3).

Lúcia Oliveira (2013) aponta para a influência desse projeto sobre a produção literária durante o Estado Novo brasileiro. A autora, como inúmeros outros estudiosos do período – tais como Ângela de Castro Gomes, em **Ideologia e trabalho no Estado Novo** (PANDOLFI, 1999); Silvana Goulart, no livro **Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo** (PANDOLFI, 1999); ou Maria Helena Capelato, em **Propaganda política e controle dos meios de comunicação** (PANDOLFI, 1999) –, registra sobre a censura que recolheu livros de livrarias, prendeu diretores de veículos de comunicação e, em determinados momentos, buscou impedir publicações daqueles que se posicionavam contra o regime e o pensamento autoritário. Ou seja, se por um lado o Estado Novo acolheu teóricos e pensadores, cujas elaborações intelectuais eram úteis à ideologia do mesmo, por outro, perseguiu e censurou opositores, como delatou Alencar.

28 de maio.

Cassiano Ricardo disse em Bello Horizonte, numa apologia rebuscada, que Getulio Vargas é muito amigo dos escriptores.
Tão amigo, digo eu, que lhes impôz uma orthographia por decreto e lhes amordaçou o pensamento.
Com o que todos elles, ao que parece, andam muito satisfeitos... (ALENCAR, 1941a, p.7-8).

24 de junho.

Como era de prever, o nazista Getulio Vargas já deu ordens a Lourival Fontes para que amordace um pouco mais a imprensa, proibindo que esta publique [os] telegrammas de Moscou e principalmente os discursos e proclamações dos homens do Kremlin.

É claro que nem por isso Moscou e o Kremlin deixam de existir.

Hitler, ao proclamar-se campeão mundial contra o comunismo, contava justamente com os Getulios e os Lourivaes... (ALENCAR, 1941a, p.24-5).

Em 1941 o autor foi capaz de identificar as movimentações políticas e seus desdobramentos com sagacidade, denunciando-as em seus cadernos de memórias, em meio ao contexto censor e repressor que não permitia manifestações públicas de oposição nos jornais e demais espaços. Da mesma forma, expôs também os colaboradores do regime, exemplificados em muitos fragmentos dos diários:

7 de julho.

Cypriano Lage, que é assim uma especie de sub-Lourival, deitou artigo pela A Noite dizendo que a Allemanha, em luta contra a Russia, está salvando o mundo.

Que mundo, Cypriano?

Será porventura aquelle em que você sempre conseguiu viver cheio de dinheiro como um príncipe, sem trabalhar, sem ser util a ninguem, á custa dos cofres publicos, com viagem, mulheres e bons hotéis?

Convem que você explique (ALENCAR, 1941a, p.31).

22 de setembro.

Os três jornaes nazistas do Brasil publicados sob as vistas amigas de Lourival Fontes, são A Manhã, o Meio-dia e A Noite.

Burrices o dia inteiro... (ALENCAR, 1941c, p.67).

O fato de os diários possuírem muitos elementos de reflexão e crítica às autoridades e ao regime faz com que sejam obras de caráter político, por meio das quais Alencar atuou como um jornalista que, independentemente da censura, empregou os diários como forma de vociferar contra o DIP, Vargas e o Estado Novo.

Na projeção daquela realidade, vista por Gilberto e registrada nos diários, mesmo evitando falar de si, o literato deixa escoar, entre os acontecimentos universais ali perpetuados, sua própria vida.

3 ARQUIVOS E (DES) ARQUIVOS

Tudo passa pelo escrito: a utilização do tempo passado e do tempo que ainda está por vir, o domicílio, o parentesco, a descendência. É preciso, portanto, classificar estes papéis, organizá-los em dossiês nos quais será mencionado o seu grau de importância, a sua origem, a sua função, a sua data de produção.

Philippe Artirères

247

O ato de desarquivar seus manuscritos amplia a recuperação de seu patrimônio e permite de se desvendar novas facetas do escritor.

Da herança do literato, já organizada e catalogada, estão disponíveis para pesquisa e consulta acervos físicos e virtuais diversos. O acervo Alencar, custodiado pelo Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, está segmentado em dois fundos – Fundo Gilberto de Alencar e Fundo Cosette de Alencar – sendo constituído por documentos pessoais e profissionais dos escritores.

O Fundo Gilberto de Alencar é composto por volumosa hemeroteca, onde se encontram artigos, crônicas, colunas, críticas, entre outros gêneros de mídia impressa produzidos pelo literato. Parcelas dos impressos do acervo alencariano encontram-se alocados em outros arquivos – como o Arquivo Histórico de Juiz de Fora (AHJF)⁹ e a Biblioteca Municipal Murilo Mendes¹⁰, ambos sob administração da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.

Foram localizadas ainda informações e publicações do literato no Memorial da República Presidente Itamar Franco, responsável, entre outros, pela organização da **Gazeta Comercial**, sendo, também, administrado pela Universidade Federal de Juiz de Fora. O Acervo Dormevilly Nóbrega, depositado no MAMM, dispõe de exemplares de publicações raras, como **Italia Intrépida**: o orgulho britânico deante da resistência latina (1935), e **Névoas ao Vento** (1914) – este último encontrado

⁹ Encarregada pela guarda e conservação dos impressos do **Diário Mercantil**.

¹⁰ Encarregada pela guarda e conservação dos impressos de **O Pharol**. Disponíveis também no site da Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional.

ainda na Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), em Portugal, no Fundo Pedro Veiga¹¹ (BASTO, 2016).

Igualmente, o Instituto Histórico-Geográfico Brasileiro (IHGB), no Rio de Janeiro, detém exemplar da **Imprensa Mineira**: ligeira notícia sobre o estado actual do jornalismo de Minas Geraes, publicado em 1908. Encontram-se ainda, nos acervos digitais, exemplares de jornais e revistas para as quais Alencar colaborou, disponíveis na seção de Hemeroteca Digital, no *site* da Biblioteca Nacional (BN), e no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH)¹².

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a documentação que alimentou esta pesquisa em curso intensificou o interesse em aprofundar a investigação acerca das bases ideológicas que construíram o caráter e a visão deste escritor mineiro palmirano, sandumonense, juizforano e principalmente brasileiro, no início do século XX.

Gilberto de Alencar denunciou os problemas sociopolíticos locais, nacionais e internacionais. Ocupou posição de destaque em Juiz de Fora, com o registro de suas opiniões em revistas e jornais, em romances de sua autoria, e alcançou certa projeção no estado mineiro.

Acredita-se que a exposição de seus argumentos, mediada pela palavra literária, possa ser entendida como uma de suas características de intelectual engajado moderno.

Outra inserção de Gilberto de Alencar no espaço público foi memorizada em seu diário. A localização e leitura deste diário íntimo, intitulado por ele mesmo como **No reinado de Lourival**, permitiram a abertura de um novo caminho para outras leituras bastante paradoxais, já que a cláusula do segredo que envolve este tipo de

¹¹A biblioteca particular deste escritor integra, atualmente, as coleções da Biblioteca Central da FLUP, em Portugal. Dotada de exemplares raros e de caráter diversificado, possui um exemplar de **Névoas ao Vento**, de Gilberto de Alencar, com dedicatória ao titular do fundo. Veiga ficou conhecido por se opor ao regime ditatorial de Antônio de Oliveira Salazar (1889-1970), ao qual Alencar também se opunha (MORAIS, 2014).

¹²**Arquivo Público oferece Revista Alterosa on-line** [notícia em *site*], publicada em 05.dez.2011, às 12h00. Acesso em: 09.set.2016

escrita foi suspensa em benefício da pesquisa, ressignificando os limites da zona de silêncios.

Ressalta-se que dentre os princípios determinantes do pensamento de Gilberto de Alencar, destaca-se a justiça, pois para esse autor, a justiça é superior à raça, à posição econômica ou ao gênero, ou seja, transcende a pessoa.

Alencar em sua proposta intelectual interveio, de fato, de forma crítica, no espaço público protocolando as desigualdades sociais e a partir desta ação adverte, os desfavorecidos sobre o (re)conhecimento do seu lugar social e conscientizando-os sobre a importância de contribuir para a transformação social, exercendo então, a função de um mediador, ou seja, aquele que leva o outro à tomada de consciência de sua realidade, evidenciando a sua condição de explorado e excluído.

As informações até aqui registradas constituem um resultado parcial de pesquisas, exploração e investigações nos acervos que constituem o fundo do titular em fontes como jornais, livros e cartas por meio das quais foram circunscritos dados de grande valor contextual, reveladores de novos aspectos biográficos, literários e profissionais que envolveram a vida e a atuação de Gilberto de Alencar, até então encobertos pelo tempo, mas que foram descobertos entre os manuscritos envelhecidos e em contínuo envelhecimento. Velhos são os manuscritos e assim como são velhas as denúncias permanentes.

REFERÊNCIAS

A DEMOCRACIA, Oliveira, ano III, n.168, 21 jun.1898, p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/244520/1>> Acesso em 14. fev.2017

ALENCAR, Gilberto de. Meio Século. **Gazeta de Paraopeba**, Paraopeba, ano XLIV, n. 2.391, 06 mar. 1955, [n.p].

250

_____. **Imprensa Mineira**: ligeira noticia sobre o estado actual do jornalismo de Minas Geraes. Juiz de Fora: Typ. Brazil, 1908, 46p.

_____. **Italia Intrepida**: o orgulho britannico deante da resistencia latina. Juiz de Fora: Companhia Dias Cardoso, 1935, 72p.

_____. **Misael e Maria Rita**. Juiz de Fora: Editora Montanheza, 1953, 270p.

_____. **No reinado de Lourival**. Caderno 1. 1941a, 32p.

_____. **No reinado de Lourival**. Caderno 3, 1941c, 32p.

_____. **O escriba Julião de Azambuja & Misael e Maria Rita**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1962, 257p.

_____. Os "novos" e o momento literario. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano LVII, n.102, 05.set.1922a, p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/39212>> Acesso em: 16.set.2016

_____. Os "novos" e o momento literario. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano LVII, n.105, 09.set.1922b, p.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/39224>> Acesso em: 16.set.2016

_____. **Prosa Rude**. Juiz de Fora: Oficinas d'O Pharol, 2 ed., 1926, 158p.

ARTIÉRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: CPDOC, v.11, nº 21, 1988, p. 1-216.

BASTO, Ana Carolina de Domenico de Avilez de. **Informações sobre o exemplar "Névoas ao Vento", desta Biblioteca**. [mensagem pessoal]. [Não paginado]. Mensagem recebida por <maraquintao@yahoo.com.br> 29 jul. 2016.

BONAVIDES, Paulo; AMARAL, Roberto (Orgs.). **Textos políticos da história do Brasil**. v.3. 3 ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002, 928p. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/81928>> Acesso em: 08.jan. 2017.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. 528p.

BRAGA, Belmiro. POSSE DO ACADEMICO GILBERTO DE ALENCAR: Discurso de Belmiro Braga. **O Pharol**, ano XLVI, n.131, 04.jun.1911, p.1-2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/27881>> Acesso em: 08.set. 2016.

GILBERTO DE ALENCAR. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano XLIV, n.12.668, 06 fev.1955, p.1.

MACIEL, Leila Rose Márie Batista da Silveira. O arquivo pessoal do escritor mineiro Gilberto de Alencar. **Verbo de Minas Letras/CES**, Juiz de Fora, v.11, n.19, jan. a jul. 2011, p.115-125.

MORAIS, Ricardo Belo de. Petrus, O mais excêntrico dos pessoanos. **Revista Pessoa plural**: publicação conjunta de Brown University, Warwick University e Universidad De Los Andes, n.5, primavera de 2014, p.88-102. Disponível em: <https://www.brown.edu/Departments/Portuguese_Brazilian_Studies/ejph/pessoaplural/Issue5/PDF/I5A05.pdf> Acesso em 29 jul. 2016.

NÓBREGA, Dormevilly (Org.). **Prosadores**: coletânea volume I. Juiz de Fora: Funalfa, v.I, 1982, 294p.

_____ (Org.). **Revedo o Passado**: memória juiz-forana, 3ª série. Juiz de Fora: Edições Caminho Novo, 2001, 135p.

NOVAES, Adauto (Org.) **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

O ÚLTIMO REPRESENTANTE de um período glorioso de nossas letras. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, ano XLIII, n.12.638, 01 e 02 jan.1955, p.6.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na Era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**; Livro 2. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p.323-349.

252

OLIVEIRA, Luís Eduardo de. **Os trabalhadores e a cidade: a formação do proletariado de Juiz de Fora e suas lutas por direitos (1877-1920)**. Juiz de Fora: Funalfa; Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, 484p.

PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999. 345p.

POSSE DO ACADEMICO GILBERTO DE ALENCAR: notas biographicas. **O Pharol**, Juiz de Fora, ano XLVI, n.130, 03.jun.1911, p.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/258822/27877>> Acesso em: 26 ago. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. **Arquivo Público oferece Revista Alterosa on-line** [notícia em site]. Belo Horizonte, publicado em 05.dez.2011, às 12h00. [Não paginado]. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=53136&pldPlc=&app>> Acesso em: 09.set.2016.

QUEIRÓZ, Rachel de. A prosa dos mineiros. **Diário Mercantil**, n.12.668, 06 fev. 1855, p.1.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. (Orgs.). **O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**; Livro 2. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p.145-179.

WALTY, Ivete Lara Camargos; CURY, Maria Zilda Ferreira; (Org.) **Intelectuais e vida pública: migrações e mediações**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2008.

WOLFF, Francisco. Dilemas trágicos do intelectual. In: NOVAES, Adauto (Org.) **O silêncio dos intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.